

Sociabilidade, política e cotidiano dos primeiros trotskistas em São PauloÁlvaro Cardoso GOMES^{*}Alzira Lobo de Arruda CAMPOS^{**}Eliane de Alcântara TEIXEIRA^{***}

Resumo: Os primeiros trotskistas brasileiros, reunidos na Liga Comunista Internacionalista, desenvolviam uma sociabilidade que se realizava nas malhas do companheirismo partidário, bem como no enfrentamento com antigos camaradas e com a polícia política de Vargas. Identidades estigmatizadas, de gueto, que podem ser acompanhadas em seus trajetos sociopolíticos, registrados nos arquivos da repressão.

Palavras-chave: Sociabilidade. Cotidiano. Trotskistas. Repressão política.

Sociability, politics and the routine of the first trotskists in São Paulo.

Abstract: The first Brazilian Trotskyists, gathered in the International Communist League, were developing a sociability of the political partnership, but also the confrontation with the old partners and Vargas's political police. Stigmatized identities, from the ghetto, which we can follow on their social-political trajectory, registered in the repression files.

Key-words: Sociability. Routine. Trotskyists. Political repression.

Este artigo é um estudo de história social, mais de homens do que de ideias, pois tem por objetivo fundamental analisar parte da trama sociológica dos militantes de esquerda, verificando em que medida a utopia da sociedade igualitária foi revestida pela carne e pelo sangue dos “agitadores de massas”. Dessa forma, espera-se conseguir vislumbrar o mundo ou o submundo que vivia da produção e difusão da revolução proletária em São Paulo, nas décadas de 20 e 30. Mundo invisível em sua própria época, exceto para os iniciados na ação ou repressão políticas e que foi, desde então, soterrado nos arquivos policiais e por histórias da revolução que não cuidaram suficientemente da oposição de esquerda.

^{*} Professor titular da USP - Universidade de São Paulo e da Unisa - Universidade Santo Amaro - Rua: Isabel Schmidt, 349, Santo Amaro, São Paulo/SP. E-mail: alcgomes@uol.com.br

^{**} Doutora em História Social, Livre-docente pela USP - Universidade Estadual de São Paulo e professora da Unisa - Universidade de Santo Amaro - Rua: Isabel Schmidt, 349, Santo Amaro, São Paulo/SP. E-mail: loboarruda@hotmail.com

^{***} Doutora em Literatura Portuguesa pela USP - Universidade Estadual de São Paulo; professora no curso de Letras nas Faculdades São Sebastião. E-mail: eatgan@ibest.com.br

No caminho de Darton, buscamos aqui reconstruir o mundo em que viveram os primeiros trotskistas brasileiros, não para atender ao "estranho impulso de escarafunchar arquivos e farejar papel embolorado", mas para conversar com os mortos. Ao fazer perguntas aos documentos, prestando atenção às respostas, pode-se ter o privilégio de auscultar almas mortas e avaliar as sociedades por elas habitadas (DARTON, 1989, p. 7). Almas mortas que pertenceram a revolucionários, em geral anônimos, cuja clandestinidade se forjou no seio de lutas travadas contra inimigos variados: a censura, a polícia, a corporação monopolista dos membros do PCB, a discordância de companheiros de trabalho, de vizinhos, de amigos, de familiares.

Os primeiros trotskistas brasileiros seguiam a corrente internacional liderada por Leon Trotsky, que havia sido exilado da União Soviética, em princípios de 1929, pelo seu inimigo mortal, Joseph Stalin. Durante o seu exílio e até ser assassinado por um agente de Stalin, Trotsky ocupou-se em organizar um movimento político internacional que refletisse as suas ideias. Esse movimento teve um significativo impacto na cultura política de numerosos países, em todas as partes do mundo, por aproximadamente meio século. No Brasil, um grupo de comunistas seguiu o trotskismo, considerado o verdadeiro depositário da teoria marxista, segundo eles, traída pela burocracia do partido e pela opção anti-internacionalista de Stalin.

O trotskismo introduziu-se cedo no Brasil, por meio de Mário Pedrosa, que estava, em 1929, a caminho de Moscou, para estudar no Instituto Marx-Engels-Lenin, quando foi inteirado dos detalhes da luta Stalin-Trotsky. Decidiu, então, modificar seus planos, dirigindo-se a Paris e se associando ao grupo francês dos trotskistas. De Paris, Pedrosa escreveu a vários jovens comunistas, seus amigos, convencendo-os a aderir ao trotskismo. Entre eles estavam Aristides da Silveira Lobo, Lívio Xavier e Rodolfo Coutinho, que fundaram o Grupo Comunista Lenin, o qual, em 21 de janeiro de 1931, mudou o seu nome para Liga Comunista do Brasil, oficialmente afiliada com a Oposição de Esquerda Internacional (ALEXANDER, 1991, p. 131-132).

As vidas dos primeiros trotskistas brasileiros sujeitaram-se à dupla clandestinidade: da direção do partido e dos policiais. O "viver à margem" adquiria significado peculiar para tais militantes, pois nas suas divergências identificavam a si próprios, aos membros da corrente dominante e à sociedade envolvente. Lembra Karepovs que o processo de estigmatização dos trotskistas era tão profundo que o artigo 13 dos Estatutos do PCB proibia qualquer membro do partido de manter relações pessoais, familiares ou políticas com eles, vendo-os como inimigos reconhecidos do partido, da classe operária e do povo (KAREPOVS, 1996, p. 2-24). Os dissidentes foram reduzidos, portanto, à condição de párias da revolução proletária.

A observação das personagens que habitavam a revolução — no dia a dia da vida em São Paulo e nos subterrâneos da polícia — propõe certos problemas históricos, por assim dizer, clássicos. Este texto, nos limites estreitos de um artigo, não se propõe a cuidar dessas questões, mas sim a verificar como elas foram vivenciadas por personagens reais, nas condições objetivas de suas existências, relatadas pelos próprios atores da grande aventura da revolução proletária, assumida, nos tempos de Vargas, por um pequeno grupo de militantes, disposto a mudar o mundo.

Pelos prontuários dos militantes, é possível acompanhar-se a trajetória atribulada da Oposição de Esquerda no Brasil, perdida em meio a posições divergentes — muitas vezes antagônicas — de seus correligionários. E acompanhar as tentativas frustradas de cooptação dos stalinistas às linhas teóricas e estratégicas que os dissidentes consideravam as únicas capazes de conduzir os proletários à vitória sobre o capitalismo (CAMPOS, 1998, p. 6-8).

Os militantes viam a Liga Comunista como fração do Partido Comunista, que estaria imbuída da alta tarefa de corrigir os erros de Stalin, recolocando a revolução nos trilhos verdadeiros do marxismo-leninismo. Essa postura apresenta-se em todas as atas das reuniões da liga, registradas entre janeiro de 1931 e outubro de 1934. Fontes preciosas que nos permitem penetrar no submundo dos dissidentes do PCB e na própria vida da cidade de São Paulo, que abrigou o núcleo fundamental do trotskismo no Brasil. Por elas, sabemos que as atividades dos membros da liga giravam em torno de problemas de organização, agitação e propaganda, publicações, tesouraria, militância e, obviamente, de sobrevivência. No calor das discussões, aparece o perfil nítido da Oposição de Esquerda em São Paulo, tratando desde assuntos mais importantes até aqueles que nos parecem, à distância, comezinhos. Felizmente, para a pesquisa histórica, os fundos Lívio Xavier e DEOPS/SP guardam os registros das reuniões em que os trotskistas definiram a sua ação política e os postulados teóricos em que se basearam.

A convivência dos camaradas revela a tensão em que viviam, buscando afirmar a sua posição teórica e estratégica, em meio a dificuldades financeiras e a fugas constantes da polícia. Como ilustração, podemos acompanhar uma das primeiras reuniões da liga, quando os nove camaradas fundadores se reuniram em assembleia. Estavam presentes, com codinomes mudados relativamente àqueles usados para a fundação da LCI (Liga Comunista Internacionalista): Antônio (Aristides Lobo); Lyon (Lívio Xavier), Tapejara (Plínio Mello), José (João Matheus), Cunha (Mário Pedrosa), Francisco (Victor de Azevedo Pinheiro), Jorge (João da Costa Pimenta), Pedro (Mário Dupont) e Maurício (Benjamin Pèret). No expediente, cuidou-se de uma carta de Buenos Aires, pedindo notícias, expondo a situação política e comunicando a impossibilidade de encontrar Aristides¹. Da ordem do

dia constaram itens de organização nacional e internacional, que deveriam ser cobertos pelos opositores de esquerda, como podemos ver a seguir.

Na discussão da pauta, o secretário leu a circular n.º 3 do Secretariado Internacional sobre um protesto, a ser assinado por operários, contra as perseguições a Rakoviski, cuja vida se achava em perigo, e por todos os opositores de esquerda, presos e deportados. Ficou resolvido que o referido protesto seria mimeografado, a fim de ser distribuído e subscrito pelos trabalhadores das fábricas, oficinas, escritórios, etc. Empreitada a enfrentar sérios obstáculos. Da polícia, em primeiro lugar, sempre vigilante por meio de agentes infiltrados nas fileiras revolucionárias ou por policiais dos quadros regulares do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Esses policiais "acampavam", isto é, submetiam a uma vigilância contínua os principais líderes de esquerda em São Paulo. Na categoria de "agentes reservados", participavam de reuniões, comícios e demais manifestações operárias. Por fim, efetuavam as prisões dos subversivos. Essas tarefas encontram-se registradas no Fundo DEOPS do Arquivo do Estado de São Paulo. Trata-se de relatos da repressão, inestimáveis pelas luzes que lançam sobre a vida daqueles que sonhavam com uma nova sociedade, vista como não conflitual, justa e igualitária.

Além dos policiais, os integrantes da liga defrontavam-se com a perseguição de seus antigos camaradas do PCB e dos anarquistas ou libertários, os quais eram visceralmente contrários às organizações em geral, nelas incluindo os partidos. A situação brasileira e a sindical ocupavam grande parte das discussões, seguidas pela situação internacional, a dialética marxista, os desvios do stalinismo, o trotskismo e sua expansão global. As preocupações maiores diziam respeito às relações do governo Vargas com as burguesias locais e internacionais, a existência de sindicatos e corporações, com os respectivos operários sindicalizados, a marcha revolucionária e a repressão, como assuntos que deveriam fornecer uma base concreta para o trabalho da liga.

Com a crença cega na força da fundamentação teórica marxista para a conscientização popular, resolveu-se que fossem editados num só folheto o Manifesto Comunista, de Marx e Engels, e os Princípios do Comunismo, de Engels, com notas explicativas. A liga editava o Boletim da Oposição, com tiragem de mil exemplares, e A Luta de Classe, com dois mil. O primeiro destinava-se à publicação de documentos ainda não divulgados no Brasil e de outros documentos do mesmo caráter, que pudessem interessar à massa. O segundo, como jornal de massa, discutia os problemas do momento e dava as palavras de ordem da organização. As cobranças de mensalidades, sempre problemáticas para os opositores, eram realizadas pelo tesoureiro de cada organização, por meio de um cartão com os pseudônimos de todos os aderentes, seguidos de uma coluna com os respectivos salários e doze outras correspondentes aos meses, para cada pagamento (ATA, 25/1/1931).

As atas das reuniões relatam atritos constantes entre companheiros, versando sobre a tibieza teórica e o empenho insuficiente de alguns camaradas. Os "erros da burocracia do Partido" e as questões de organização formam temática comum a todas as discussões. Além disso, a liga precisava se corresponder com o Secretariado Internacional, também na clandestinidade e em luta constante com os stalinistas.

A busca e a aceitação de novos aderentes provocavam clivagem cuidadosa: era preciso, liminarmente, verificar se o candidato não estava imbuído de erros teóricos comuns à "burocracia dirigente". A organização da liga elegia seus dirigentes. Os membros eleitos para a Comissão Executiva em São Paulo, que era, ao mesmo tempo, o órgão dirigente do trabalho em todo o Brasil, eram intelectuais, por regra, jornalistas, participantes do Sindicato dos Gráficos. Estão anotados "Antônio" (Aristides Lobo), como secretário; "Jorge" (João da Costa Pimenta), como encarregado sindical; "Lyon" (Lívio Xavier), como agitprop (agitação e propaganda); "José" (João Matheus), como tesoureiro, tendo por adjunto "Lyon" (Lívio Xavier).

A presença de Plínio de Mello, na CE, provoca discussões ásperas, relativas às suas atitudes "vacilantes" e ao fato de não ter a Oposição, naquele momento, força suficiente para destruir as explorações que em torno do caso poderia vir a fazer a burocracia do PC. Mário Pedrosa propõe medida conciliatória: Plínio deveria fazer uma declaração pública, reconhecendo os seus erros e manifestando-se partidário do programa da oposição. Havia, ademais, três comissões de trabalho: Aristides, Mário Dupont e Matheus integravam a comissão de organização; Pimenta, Plínio e Victor, a comissão sindical; e Lívio, Pèret e Pintaúde, a comissão de agitação e propaganda. Cada aderente pagaria, como mensalidade, 1% do seu salário. As comissões nomeadas apresentariam seus planos de trabalho em reuniões previamente agendadas (ATA, 22/1/31).

Os indefectíveis problemas de caixa apresentam-se em todas as reuniões: os membros que não tivessem ordenado fixo deveriam contribuir com a quota mínima de 1\$000 mensais. Aristides Lobo salienta a má constituição da Comissão de Agitprop: deficiência física de Lívio, o fato de Pèret ser estrangeiro e, quanto a Pintaúde, a sua condição social, ocupações privadas, etc. Pèret comunicou que pretendia fazer um folheto, em linguagem popular, sobre o último movimento militar², expondo, ao mesmo tempo, os pontos de vista da oposição. Aristides, tratando de casos de indisciplina, censurou o procedimento de Pimenta, o qual havia negado, na presença de um elemento da burocracia do PC, que *O encouraçado Potemkin* teria sido obra da oposição. Plínio foi acusado por Matheus de ter concordado com a atitude de Pimenta, mas se defendeu, alegando que o referido livro não devia ser apresentado como sendo trabalho da oposição (ATA, 1/2/1931). Uma semana depois, Plínio apresenta a declaração sobre os seus desvios, achada muito longa por Aristides e Lívio, os quais sugeriram que ela deveria ser encurtada de modo a poder ser

publicada em *A Luta de Classe*, com a supressão do histórico sobre a oposição russa e com a concessão de maior ênfase em seus erros, tornando, assim, mais severa a autocrítica (ATA, 8/2/1931).

Na mesma reunião da liga, Pimenta é criticado por não ter falado no festival da UTG, como se havia comprometido, e também pela sua falta de contato com a organização. Plínio é alvo de novas críticas: numa reunião da Federação Operária modificara uma resolução da liga sobre a Lei de Férias e fizera um discurso reformista, achando que podia chegar a ser proletária a maioria da Constituinte. Aristides e Lívio entenderam, além disso, que, dado o fato de os anarquistas terem verdadeiro horror à política, houvera inabilidade de Plínio em defender a tese de atitudes políticas por parte dos sindicatos³ (ATA, 5/2/1931).

Os protestos dos camaradas contra os desvios de Plínio Mello perduram em reunião posterior, provocando tensões entre os opositores de esquerda. Aristides declara que as faltas e o descaso pelas decisões da liga por Plínio eram tão grandes, que só a qualificação de "sabotagem consciente" poderia caber no caso. Assim, por muito pouca que fosse a disciplina de uma organização, Plínio devia ser imediatamente expulso da direção da liga (ATA, 22/2/1931).

Sobre a intensa campanha de agitação e propaganda que os membros da liga desenvolviam a favor da Constituinte e da Federação Operária contra a Confederação Geral do Trabalho, sob influência da direção do PCB, há um informe reservado longo e elucidativo do agente reservado (isto é, secreto) Antonio Ghioffi. Diz ele que quando se estava discutindo o parecer da Federação Operária relativamente à confederação, aparecera Aristides Lobo distribuindo um manifesto de propaganda da Liga Comunista, em prol da convocação da Assembleia Constituinte. A discussão tomara outro rumo. Arsênio Palácios denunciara o caráter político de alguns militantes que estavam dentro da federação, como Plínio Mello e Aristides Lobo, dizendo que a Liga Comunista estava fazendo o jogo do capitalismo e da burguesia, aliada ao Partido Democrático, que pretendia tomar o poder de assalto. Os delegados federados pediram, então, que se votasse uma moção impedindo qualquer manifestação de caráter político dentro da FO. Essa moção foi aprovada. Aristides Lobo respondeu que fazia essa distribuição de boletins, não como trabalhador e partidário da federação, mas como comunista que era, e que ninguém podia impedi-lo de ter esta ou aquela ideia. Foi-lhe respondido que ele podia abraçar qualquer doutrina social, porém fora das organizações operárias e da federação. Acabou dessa maneira o plenário da Federação, reunida para dar o parecer sobre a Confederação Geral do Trabalho (PRONTUÁRIO 37, f. 149).

Com pouco mais de um mês de existência da Liga, seus aderentes ocupam-se em dar um balanço crítico de suas atividades. Lívio, como encarregado da Comissão de Agitprop apresenta relatório comunicando que a expedição do Boletim de Oposição fora

muito morosa, em virtude da inatividade dos demais componentes da comissão. Não tinha sido feito nenhum trabalho coletivo. João Matheus, como tesoureiro, comunica que só cobrara três mensalidades, não tendo havido movimento de tesouraria. Como João da Costa Pimenta afastara-se de sua atividade da comissão sindical, Plínio encarrega-se de apresentar o relatório sobre o tema, comunicando que o trabalho vinha sendo feito individualmente, de modo anárquico, só tendo sido auxiliado por Victor de Azevedo Pinheiro. Aristides critica a pouca atividade de João da Costa Pimenta, mostrando, em especial, a inconveniência de sua ausência no festival da UTG.

Quanto ao relatório da Comissão de Organização, Aristides relata que, a ser encarada de per si a atividade de cada comissão, a de organização ficava com um crédito a seu favor, pois embora com pouco resultado prático, as reuniões da liga efetuavam-se regularmente e as teses começaram a ser elaboradas. Não houve ligação com os camaradas do Rio, culpa que cabia principalmente a ele, secretário. Entretanto, num mês de atividade, Aristides fizera não só o serviço interno da liga (atas, convocação de reuniões, etc.), como também realizara várias tarefas úteis à liga: tradução e revisão de *O encouraçado Potemkin*; redação de um folheto contra a burocracia do partido; fundação da Associação de Amigos da Rússia, com envio de comunicados aos jornais, elaboração dos seus estatutos, instruções à sua CE; edição de dois folhetos para a massa; tradução e divulgação do protesto contra as perseguições a Rakoviski; distribuição do Boletim da Oposição entre operários que vinha visitando no Bom Retiro e no Brás; distribuição de listas para angariar os recursos necessários à impressão de material da liga; fornecimento de endereços à Comissão de Agitprop; comparecimento a uma reunião na AEC (Associação dos Empregados do Comércio) sobre a Lei de Férias, a duas ou três da Federação Operária, a uma outra do sindicato ferroviário, onde defendera a opinião da liga; comunicado da liga aos jornais sobre a Constituinte; manifesto da liga sobre o mesmo assunto; correspondência com Luís Carlos Prestes, por meio da qual foi possível conseguir para a liga a edição de sete obras revolucionárias, além da edição do Manifesto de Marx, paga por Prestes, mas saindo como edição do jornal Luta de Classe; tradução e distribuição do trabalho de tradução do livro de Lenin *No caminho da insurreição*, etc., etc. Em seguida, Aristides acha que seria preciso ter em conta, ao analisar o estado atual da liga, o seguinte: 1.º) o pouco tempo de sua existência: um mês e dez dias; 2.º) sua debilidade orgânica, isto é, tendo se organizado com poucos elementos, de escassas qualidades; 3.º) a própria fraqueza orgânica do partido, refletindo-se na sua fração de esquerda (ATA, 1/3/1931).

A partir de março de 1931, cessam as atas que testemunhavam as reuniões sistemáticas dos opositores de esquerda. É provável que a intensificação dos esforços da militância para atingir as metas a que se havia proposto a tenha tornado demasiado visível para os poderes repressivos, levando à prisão e ao exílio muitos de seus membros.

Goffredo Rosini, por exemplo, escreve de Montevidéu queixando-se amargamente das condições em que se encontrava. Chegara há quatro meses, encontrando uma vida "que não podia ser pior", como poderiam testemunhar João Matheus, Victor Pinheiro e Manoel Medeiros. Segundo ele, não existiam opositoristas de esquerda em Montevidéu, portanto, nenhum ponto de apoio para os exilados. Rosini fora obrigado — como muitos — a sair do Rio, sem roupa e sem dinheiro. O auxílio da liga limitara-se a 16 pesos enviados no espaço de 120 dias, pois (diz ele) Aristides tinha boas intenções e continuava a prometer muito, "mas vocês compreendem que não se pode viver com o socorro verbal dos companheiros de Rio" (Carta de Goffredo Rosini, dirigida a companheiros trotskistas, Montevidéu, 1931).

O apostolado político da LC submetia os seus poucos membros a uma atividade intensa, tornando-os vulneráveis às ações repressivas, que secundavam as informações enviadas por agentes infiltrados entre os trotskistas e nas organizações operárias, especialmente os onipresentes "Guarany" e Antônio Ghioffi. Mas, apesar da repressão, as atividades da liga perduraram. Por documentos do DEOPS/SP, ficamos sabendo que, em 13/3/31, no Congresso Operário, falaram Aristides Lobo, Florentino de Carvalho, Edgard Leuenroth, Hermínio Marcos e Carlos Righethi (PRONTUÁRIO 37, f. 49), demonstrando laços de amizade e conjunção de interesses entre trotskistas e libertários.

As reuniões da liga ocorriam nos intervalos das numerosas prisões de seus militantes. Assim, verificamos que, no cumprimento das missões de que estavam incumbidos, Aristides Lobo e Victor Pinheiro foram presos em 23 de março, pregando cartazes sobre a Constituinte, fato que impediu o primeiro de comparecer, na qualidade de orador principal, ao Sindicato dos Vidreiros (PRONTUÁRIO 37, DOC.12, f. 52).

Após terem sido libertados, os dois revolucionários continuaram com os mesmos procedimentos políticos, o que lhes valeu novos encarceramentos. Mal chegado a São Paulo de seu exílio, Aristides sofreu perseguições policiais e prisões contínuas. No ano de 1931 estão registradas as prisões realizadas nos dias 23 de março, 26 de maio, 4 de julho, 1.º de agosto e 12 de setembro. Além dessas, a polícia informa que ele havia sido preso inúmeras vezes naquele ano (PRONTUÁRIO 37, DOC. 142).

Victor Pinheiro também foi aprisionado pelo menos por duas vezes no ano inicial da existência da liga. A esse respeito, temos a carta de seu pai, José de Azevedo Pinheiro, a Lívio, a informar que Victor achava-se preso em Porto Alegre, e pedia objetos e livros que estavam com Lívio e uma mala, que fora emprestada a Plínio Mello (Carta de José de Azevedo Pinheiro enviada a Lívio Xavier, Bariri, 4/4/31). De retorno a Bariri, Victor informa que a impressão dos jornais na tipografia da família seria difícil, pois seu mano assumira perante o delegado de polícia o compromisso de não imprimir nada que se parecesse com leitura subversiva, "uma espécie de termo de bem-viver" (Carta de Victor Pinheiro a Lívio Xavier, Bariri, 1931).

Em meados de 31, houve um agravamento do cerco policial à liga. Seus membros explicaram a repressão como consequência da política "estéril e sectária" do PCB, que não soube se aproveitar da ocasião revolucionária ensejada pelo movimento de 30, deixando que as massas recaíssem no imobilismo e começasse a reação de parte da burguesia de São Paulo contra o novo governo ditatorial. O resultado dessa oposição e da ausência do Partido Comunista foi a repressão que se abateu sobre o movimento político proletário, atingindo o seu ponto culminante com a deportação para o estrangeiro de muitos comunistas de São Paulo e do Rio. A pequena organização da LC sofreu extremamente com essa atuação policial. Dois de seus camaradas, "Francisco" (Victor de Azevedo Pinheiro) e "Djalma" (Gofredo Rosini) foram deportados para o Uruguai, enquanto os outros elementos mais conhecidos tiveram de se esconder para escapar da prisão e do banimento. A atividade da liga ficou quase suspensa, limitando-se a lançar alguns manifestos contra a repressão e a estabelecer ligações com os membros restantes.

Daí por diante, a atividade da LC desenvolveu-se em ritmos determinados pela maior ou menor repressão. Assim, podemos continuar o acompanhamento dos trabalhos da liga por meio dos "informes reservados" dos secretas João Gomes e Antônio Ghioffi, que participavam de sindicatos operários de São Paulo, e de prontos dos revolucionários. Ghioffi, em 25/4/31, informa sobre um manifesto de crítica à Lei de Sindicalização lançado pela liga, redigido por Plínio Mello e dado a Matheus, na Federação Operária. Em reunião plenária dessa organização, Plínio Mello e João Matheus bateram-se pela campanha pela libertação dos comunistas Antônio Ribeiro e Florêncio Tejada. Em resposta, Arsênio Palácios disse que a UTG, com a entrada dos elementos que faziam parte do PC e da liga, transformara-se numa sucursal direta de Moscou. Portanto, pedia ao plenário que suspendesse os delegados da UTG junto à Federação Operária, para que esta não fosse confundida com a obra que os comunistas desenvolviam no seio das organizações operárias. O plenário terminou com balbúrdia, provocada pela "atitude enérgica de Palácios", o qual era também agente reservado e provocava elogios corporativos de seus colegas policiais (BOLETIM, 20/7/1931).

A liga continuava a se fazer presente na análise da política estadual e nacional, pregando sempre a revolução proletária, na base de sovietes. Com o agravamento da situação social e política e a ocorrência de greves de trabalhadores, a liga lançou um manifesto contra as candidaturas à interventoria de São Paulo de Plínio Barreto, Miguel Costa e João Alberto, considerados como "lacaio do capitalismo" e "instrumentos da burguesia". O manifesto apontava o único caminho a seguir: a transformação do movimento grevista em movimento revolucionário de massas contra a burguesia. Os operários grevistas deveriam fazer pressão sobre a Federação Operária de São Paulo, considerada como aliada da Legião Revolucionária e da polícia. Como prova, o manifesto afirma que os

anarquistas da direção da FO teriam mostrado, em comício realizado no Largo da Concórdia, que estavam sendo manobrados pela polícia, a fim de defender a candidatura Miguel Costa, pois tiveram a palavra garantida pelos secretas, enquanto os militantes comunistas eram barbaramente espancados. A Comissão Executiva da Liga Comunista pronunciou-se contra os candidatos à interventoria, além de Getúlio Vargas, a Lei de Sindicalização, o Ministério do Trabalho, as cadernetas de trabalho e o Governo Provisório. Ao terminar, deu um viva ao PC e à Revolução Proletária. Cumpria, dessa forma, diretiva da Oposição relativa à apresentação do PCB como coeso para o público externo (PRONTUÁRIO 4.143, v. 2, 1931).

Mais adiante aparece a descrição do comício citado acima e que se realizou às 19h30min do dia 1º de agosto, no Largo da Concórdia. Aristides Lobo, subindo ao coreto ali existente, tentara fazer uso da palavra, chamando em seu redor as pessoas que se encontravam no referido largo. Apenas havia pronunciado a palavra "Trabalhadores", numeroso grupo aproximou-se do local e houve indivíduos que desfraldaram bandeiras vermelhas com dísticos e emblemas comunistas. Com a intervenção da polícia, em virtude de ordens superiores para a não-realização de comícios públicos, e o auxílio de praças de cavalaria, foi dispersado aquele grupo e efetuadas algumas detenções, inclusive a do orador (PRONTUÁRIO 1.691, f. 63).

O jornal *O Tempo*, do dia 3 de agosto, publica o protesto de Aristides Lobo contra a violência e as arbitrariedades policiais de que foi vítima, juntamente com outros intelectuais e vários operários. Segundo Aristides Lobo, a polícia, na sua resolução de impedir que se efetivasse qualquer manifestação operária na capital paulista, não só agira com violência contra os que insistiram em fazer valer os seus direitos de reunião e de palavra, como ainda efetuara, sem motivos aceitáveis, as prisões de três conhecidos intelectuais paulistas: Azevedo Marques, Paulo Lacerda e Aristides Lobo, bem como a de vários operários, os quais continuavam presos, alguns dos quais nas mesmas prisões em que se encontravam encarcerados, há perto de 30 dias, numerosos outros trabalhadores de Cruzeiro, acusados de professar ideias comunistas. Aristides Lobo e os seus dois companheiros citados haviam sido libertados dois dias após, o mesmo não sucedendo aos operários presos à mesma hora e pelos mesmos motivos. De acordo com Aristides Lobo, esses fatos não poderiam ser recebidos senão como mais uma prova, "que a polícia julgou oportuno dar", de sua inimizade sistemática com os operários paulistas, pondo em prática velha tática sempre adotada com o fim de indispor de uma vez os intelectuais com os elementos operários em geral (PRONTUÁRIO 37, f. 184).

Em fins de 1931, com um relativo abrandamento da reação policial, os camaradas da liga, deportados ou foragidos, voltaram a São Paulo e recomeçaram o trabalho organizatório. A Liga Comunista havia caído num estado de desorganização e inércia, em

virtude da repressão que se abatera sobre o movimento comunista e culminara na expulsão do país de muitos dos militantes mais responsáveis do partido e da liga, acarretando ainda a perseguição aos demais aderentes que se viram obrigados a se esconder, afastando-se da atividade.

A previsão da continuidade da repressão trazia o perigo de uma desarticulação completa dos quadros da oposição, que já se notava na dispersão de seus membros e desagregação dos seus grupos locais que não mais se reuniam, ou o faziam de modo irregular e insuficiente. Evitar tal perigo, por todos os meios, apresentou-se como a tarefa mais urgente, pois se a organização desaparecesse do movimento proletário brasileiro seria aniquilado o prestígio das ideias da Oposição Internacional de Esquerda no Brasil.

Em face da crise econômica e política brasileira, tendo decorrido quase um ano de atividade da liga, começavam a se manifestar divergências de caráter tático e organizatório e até de princípios, que os militantes procuravam resolver por meio de um estudo acurado e do mais amplo debate. Assim é que, a 21/11/31, "Tapejara" (Plínio Mello) e "Cunha" (Mário Pedrosa) propuseram a convocação para 21 de janeiro de 1932, da Conferência Nacional da Oposição de Esquerda. Para tanto, deveriam ser elaboradas teses que servissem de plataforma política a ser aprovada nessa conferência. As teses deveriam ser redigidas por camaradas familiarizados com os assuntos a tratar (situação nacional, Lívio Xavier; situação internacional e imperialismo, Mário Pedrosa; problemas do partido, Aristides Lobo; questão sindical, Plínio Mello; questão agrária, Rodolfo Coutinho).

No fim de 1931, todas as energias do grupo desbaratado se concentraram na preparação da Conferência Nacional, o que implicava, fundamentalmente, a publicação de um boletim interno com as teses a discutir. Aristides Lobo transferira-se para o Rio de Janeiro, onde — com Mário Pedrosa, o advogado Hahnemann Guimarães e Rodolfo Coutinho — cuidava da reorganização da liga.

Do Rio, Aristides voltou a São Paulo, escondendo-se em Botucatu.

A situação enfrentada pelos aderentes da liga pode ser aquilatada por meio de duas cartas enviadas pelo ex-secretário geral da liga, "Antônio" (Aristides Lobo), do esconderijo em que se achava. Na primeira, afirma ser insustentável a sua permanência no local em que estava⁴ e pede aos camaradas que lhe enviassem 40\$000 para as despesas de regresso e lhe arrumassem qualquer trabalho, mesmo que fosse "para partir pedra". Se tudo fosse impossível, solicitava licença urgente da organização para afastar-se sem compromisso de ligação, pois, nesse caso, deveria seguir "o rumo que, sem consulta a vocês, as circunstâncias de momento me indicarem" (LOBO, Carta, 23/11/1931). Do mesmo refúgio, "Antônio" escreve nova carta:

Ô carta pavorosa a que você me escreve! Situação insegura, quebradeira completa, quebradeira completa, a *Unitas* virando merda, o Pinta quase a dar o rabo ao Polillo, o *Unitas*⁵ virando merda, o Pinta quase a dar o rabo ao Polillo, o Madu desempregado, o Maurício no *pau* e, por cúmulo da porra do azar, um policial morando com você!⁶ Se não tivesse cada um de nós a obrigação de aguentar firme, seria o caso de se aconselhar um suicídio coletivo [...] (Carta enviada por Aristides Lobo aos camaradas trotskistas, Botucatu, 2/12/1931).

A penúria financeira tornara-se tão aguda que Aristides, fumante inveterado, deixara o cigarro, o que ele chama de "dialética da merda". Após esse intróito altamente elucidativo sobre as condições materiais de existência dos opositoristas de esquerda, o missivista diz ter lido a proposta de "Tapejara" sobre a convocação de uma Conferência Nacional. Era boa a proposta, mas irrealizável para 21 de janeiro. Em substituição, propõe o carnaval. Como muitos de seus companheiros, do esconderijo, Aristides continuava suas atividades políticas, escrevendo. Assim, respondeu "à droga burocracia-cavaleiro", descrevendo o caráter da Revolução na Espanha e enviando um folheto sobre a Constituinte. (Carta enviada por Aristides Lobo aos camaradas trotskistas, Botucatu, 2/12/1931).

As dificuldades dos membros da liga, foragidos da polícia, desdobravam-se para seus familiares. Aristides contou ter "cavado" com seu mano, José Mariano, 30\$000 para a sua viagem. O irmão iria arranjar o dinheiro sob empréstimo, "pois vivia cheio de dificuldades, era casado, tinha uma filhinha, e ganhava apenas a miséria de 160\$000 por mês" (Carta enviada por Aristides Lobo aos camaradas trotskistas, Botucatu, 2/12/1931).

Escondido em casa do pai, Víctor Pinheiro declara estar "ferrado" no *Capital*, sem sair de casa para aproveitar com a leitura todo o tempo de que dispunha. Seria possível, continua, ainda se fazer algum trabalho tipográfico em Bariri. Pergunta sobre a liga e Aristides, Plínio, Matheus, Mário — enfim, o grupo mais aguerrido dos camaradas liguistas. Mário, na ocasião, tratava-se de tuberculose em Campos de Jordão (Carta enviada por Víctor Pinheiro a Lívio Xavier em 27/6/1931). Em nova missiva, Víctor fala a Lívio sobre a miséria em que se encontrava: "[...] cabeça pesada de sífilis, os pés perebentos [...]", precisaria ao menos de meios para um tratamento regular. Concorde em atender à liga, se esta precisasse de fato dele, mas seus camaradas precisariam esperar "[...] ao menos uma quinzena, a ver se cavo dinheiro para a passagem, pois estou sem um níquel [...]". Pede a Lívio que explicasse a sua situação ao pessoal da UTG, porém, se não houvesse outro meio, pediria uma licença suplementar. Ele declara estar estudando, pois se sentia "impressionantemente burro" (Carta enviada por Víctor Pinheiro a Lívio Xavier, Bariri, 8/6/1931). No reduzido grupo de opositores de esquerda, Víctor Pinheiro sofria de tuberculose, assim como Mário Pedrosa, Manuel Medeiros, João Matheus e José Mariano de Oliveira.

Em 11/12/31, Víctor Pinheiro escreve a Lívio Xavier comunicando que "Antônio" já se encontrava em Bariri, com ele (Carta enviada por Víctor Pinheiro a Lívio Xavier. São Paulo, 1/12/1931).

Em carta a "Lyon", Aristides Lobo informa que Benjamin Pèret e "José" (João Matheus) foram "encanados numa batida em casa da Condessa"⁷, bastante visada pela polícia, o que "nossos amigos deviam estar fartos de o saber", mas era conhecida a "velha mania de José (João Matheus) de se grudar como carrapato a um lugar e não sair enquanto não aconteça alguma coisa". Haveria necessidade de novos endereços, novos pseudônimos, novos métodos de trabalho. Aristides, sob o novo pseudônimo de Leônidas, insistia na escolha de lugares insuspeitos como moradia ou refúgio, uma vez que tinha "longa prática do ofício e já vi as coisas desandarem de mil e uma maneiras". E termina com um apelo dramático:

Tomem cuidado, rapazes! O que precisamos fazer é aproveitar o mais possível esta época amarga. Em lugar de fazermos como sempre fizeram, em tais ocasiões, os maiorais do Partido, tocando punheta no escuro ou procurando voluntariamente um martírio inglório e inútil, devemos liderizar-nos, tornarmo-nos os condottieri do futuro, pelo estudo assíduo da doutrina e da situação, através de uma ligação estreita entre todos os camaradas, de modo que o que for sendo aprendido possa contribuir para a formação de uma elite capaz, segura em suas convicções, unida em seus pontos de vista (Carta enviada por Aristides Lobo aos camaradas trotskistas, Botucatu, 7/12/1931).

Alguns dias depois, nova carta de Aristides a Xavier comunica que Manuel Medeiros já se encontrava em São Paulo e seria conveniente indicar um camarada, desconhecido dos "homens", que pudesse servir de elemento de ligação com ele. Com muito empenho, seria possível "sustentar o fogo sagrado". Na carta, Aristides solicita autorização para que ele e Víctor fossem para Paris e Berlim, sem despesas à organização, apenas confiantes na resistência física e no expediente de ambos. Seria uma viagem por uns seis meses, o estritamente necessário para aprenderem regularmente o francês e o alemão e poderem tirar algumas lições do contato íntimo com o proletariado europeu. Desde que a burocracia enviava os seus a Moscou, Aristides considerava justo que a liga, não podendo fazer o mesmo, contribuísse por outros meios para capacitar os seus membros. Nada pediam além da licença. Comprometiam-se a ficar sempre em ligação com os camaradas do Brasil e com os da Europa, que poderiam até ser por eles auxiliados em sua atividade diária. Quando voltassem, estariam mais aptos para a luta e para o trabalho de direção. Parecia-lhes absurdo receber um contra, pois não podiam mesmo aparecer, e o que faziam no Brasil seria feito com maior vantagem no estrangeiro (Carta enviada por Aristides Lobo a Lívio Xavier. Botucatu, 12/12/1931).

Esse pedido foi obviamente denegado, pois Lobo e Pinheiro permaneceram no Brasil, participando das atividades de agitação e propaganda da Oposição de Esquerda.

A situação profissional de jornalistas, tradutores e revisores submetia-se às intempéries da vida política. Mesmo as relações pessoais ficavam constantemente comprometidas por questões de militância, como insinua Lobo: “Diga ao Tapejara e ao Miguel que não fiquem 'magoados' comigo pela franqueza que a minha qualidade de revolucionário obrigou-me a usar em alguns tópicos nas cartas que lhes escrevi ultimamente.” (Carta enviada por Aristides Lobo a Lívio Xavier, São Paulo, 1932).

Cansados da vida clandestina, muitos camaradas dispunham-se a “forçar a legalidade”, recorrendo aos companheiros em liberdade. Com esse objetivo, Pedrosa avisou a Lobo sobre a disposição de Pinheiro em voltar para a vida legal; politicamente, ele achava que o poderia fazer, embora a situação não oferecesse ainda muita segurança. Para tanto, a condição básica para garantir-lhe essa possibilidade era a consecução de um emprego em São Paulo, de preferência fora dos *Diários*, pois continuaria visado da mesma forma, com todos os seus passos seguidos pelos “cães de fila costaferrerianos, e numa situação moral embaraçosa, em virtude de suas repetidas entradas e saídas, se bem que forçadas, do reduto dos Chateaubriand”. Quanto a Lobo, ele se declarava disposto a seguir imediatamente, desde que Sérgio lhe garantisse o pão com o pagamento de traduções ou outro trabalho que poderia fazer na sede da empresa ou, “muito melhor, onde estiver residindo”. Lobo entregava o “caso” à resolução dos companheiros. Ele se declarava ciente do que Xavier lhe dizia sobre a quase impossibilidade de voltar a trabalhar na *Unitas*. Parecia mesmo que, na situação em que se encontrava a empresa, só poderiam tirar dela, como Xavier dizia, “alguma tradução paga” e “a propaganda”. Mas era preciso, também, “ficar de olho nos cobres devidos ao Bronstein”. Pinheiro iria escrever ao pessoal de Montevidéu e de Porto Alegre sobre Matheus (Carta enviada por Mário Pedrosa a Aristides Lobo, Rio de Janeiro, 17/1/1932).

As atividades de proselitismo da oposição estenderam-se a algumas cidades do interior, como Santos, Ribeirão Preto, Cravinhos, Barretos, Batatais, Sorocaba, Botucatu. Em Batatais, o camarada Itagiba pede a Lívio que o auxilie na evolução para o marxismo puro, pois possuía boa vontade e entusiasmo de sobra pela causa. Estava organizando semanalmente um curso elementar de comentário ao Manifesto de Marx, com mais três companheiros. Prometia “maior seara” para breve e jurava ter se deslocado para Batatais na esperança de ganhar dinheiro, “mesmo como advogado”, revertendo-o para a causa, “única digna de ser seguida”. A cidade em que se encontrava era acanhada para as atividades comunistas, com uma mentalidade ultraconservadora, mas declara que não deixaria de aproveitar uma “unidade sequer”. O camarada Xavier entendia que a Comissão Central da Liga Comunista, no seu primeiro ano de vida, tivera “uma atuação à valentona, recorrendo

às sanções”, ao passo que Aristides, ao contrário, considerava que o erro da CC fora agir com benevolência. Com o “Poivre” (João da Costa Pimenta), viveram “[...] sob o regime dos recadinhos, das manobrinhas, das beijocas.” (Carta enviada por “ITAGIBA” a Lívio Xavier, Batatais, 19/5/1932).

A atuação dos opositoristas no campo sindical foi ocupada, em boa parte, com as “touradas” com a burocracia. Lobo considerava que essas lutas eram inevitáveis e mesmo necessárias, pois os stalinistas tinham caluniado “miseravelmente” a liga numa assembleia operária; assim, os opositoristas precisaram se defender e se defender acusando. Teriam sido as “touradas”, com as quais antipatizava Xavier, que haviam posto o sindicato nas mãos dos opositoristas. Sem um núcleo organizado, sem “cabala” para as votações, os opositoristas sempre saíram vitoriosos sobre os burocratas. O erro foi não terem estendido a vitória da Oposição de Esquerda na UTG à FOSP, por culpa de Mello. Portanto, as lutas com os stalinistas foram uma legítima defesa e conquistaram, para os opositores, o apoio da maioria. Estes não as provocaram — foram provocados. Quanto aos erros da ação sindical da liga, deveriam ser imputados a Mello, “o nosso empata-foda, a muralha de algodão que fica entre nós e os nossos adversários, como um pára-choque, como um biombo.” (Carta de Aristides Lobo a seus camaradas trotskistas, São Paulo, 1932).

Em junho de 1932, O Comitê Dirigente da liga, a fim de ser posto um termo ao estado de desorganização dos opositoristas, tomou duas medidas: 1ª, só haveria apartes com licença do orador, que só excepcionalmente os consentiria e nunca “por gentileza”; 2ª, sobre cada assunto, cada camarada só teria direito de usar da palavra duas vezes (por dez minutos a primeira; por cinco minutos a segunda). Na discussão de teses sobre a questão sindical essas medidas seriam aplicadas, em relação a cada parágrafo de cada tese. A fim de preparar convenientemente a Conferência Nacional, que seria realizada dentro de dois meses, seriam realizadas duas reuniões por semana: uma, aos domingos, à tarde, em local variável; outra, à noite, no meio da semana, em dia variável, em casa de Pedrosa (CIRCULAR..., 1932).

Nem bem organizada, a Liga Comunista perdeu vários de seus aderentes. A maioria dos excluídos, provavelmente, não pôde se adaptar à vida de “clandestino” na clandestinidade, isto é, à situação dos opositores de esquerda obrigados a manter a guerra em duas frentes: contra policiais e stalinistas. Outros foram expulsos por desvios da linha política da liga. A história dessas expulsões indica que motivações de caráter teórico venciam aquelas relacionadas à disciplina partidária, ao contrário do que acontecia com a corrente hegemônica do PCB. Ademais, os opositores de esquerda mostravam-se, compreensivelmente, mais tolerantes do que o partido no julgamento de desvios de camaradas. Castilho considera que o método da LC era semelhante ao adotado pelo PCB, “aferrado também à prática de sobrepor questões organizativas e disciplinares aos

problemas políticos”. Segundo Castilho, a personalidade de Lobo certamente influenciou a liga nesses primeiros momentos, pois, segundo Abramo, “Aristides era o mais esquemático de todos, desde a formação da ideologia até a atividade política. Como era o mais esquemático, estava, digamos assim, mais sujeito a ser burocratizado e a burocratizar” (MARQUES NETO, 1993, p. 175-176). A esse respeito, vale considerar que a disciplina dos militantes era ditada por razões do momento histórico em que viviam, caracterizado pela crença na revolução socialista e nas responsabilidades da vanguarda para conduzir a luta do proletariado. Não apenas Lobo, com as atribuições que possuía como secretário-geral, mas também todos os aderentes da liga lastimavam a insuficiência de disciplina dos camaradas. O que eles condenavam no partido não era o excesso de disciplina, mas o que chamavam de “falsa disciplina”, a disciplina que não admitia divergências de opinião. Entretanto, a situação de duplo cerco em que se achavam os opositores terá influenciado, talvez, na sociabilidade interna da liga, provocando um aumento de tensões no grupo, impossível de avaliar em termos comparativos com o que ocorria no partido.

Nas discussões dos opositores de esquerda, a expressão “poeta” era muitas vezes usada depreciativamente, como notamos por observação de Víctor Pinheiro: o poeta do Rio (Mário Pedrosa) era muito menos poeta do que o de São Paulo (Plínio Mello). Este era acusado de meter “os pés pelas mãos, fazendo, como é seu costume, mais uso dos pés do que das mãos”. O “Poeta do Rio”, visto como muito mais realista, claro e analítico, pecava, entretanto, por uma certa candidez e uma certa passividade, pois não percebera, ainda, ou o percebera apenas em teoria, que o bolchevismo não devia se submeter a uma determinada situação, mas reagir sobre ela. Víctor pretendia defender os seus pontos de vista na Conferência Nacional e, ainda, discutir a posição do “Poeta de São Paulo” perante a liga. E termina: “Esse homem, com as suas ‘Constituintes Revolucionárias saídas de uma insurreição vitoriosa do proletariado’, ainda nos vai dar muito trabalho.” (Carta enviada por Victor Pinheiro a Aristides Lobo, Botucatu, 1931).

Aparentemente, Lívio Xavier adotava uma posição conciliatória, considerando que a expulsão de Plínio poderia “fazer fração”, e que era “um exagero fazê-lo bode expiatório ou cabeça de turco dos pecados da organização”. Ideia contestada por Lobo: exagero era fazer da organização “bode expiatório ou cabeça de turco dos pecados do Poeta”. Ninguém pretendia “fazer fração”, pedindo a expulsão do “Poeta” da liga. O que se reclamava era a sua retirada de todo e qualquer cargo diretivo, pois seria um crime fazer a Liga vítima de seus erros. Como decorrência, Plínio Mello foi expulso da organização, por ter se retirado das atividades, nos finais de 1932. João da Costa Pimenta mereceu julgamento similar ao do “Poeta”, em apreciação que nos diz muito sobre a sociabilidade dos militantes na esfera das organizações de esquerda:

Vaidoso, dormindo sobre as glórias do passado, julgou-se sempre inatingível pelas sanções, parecendo achar que já era muito pertencer à organização, que se sentia 'honrada', 'engrandecida', com a sua simpática presença. Dentro do Partido, o Poivre esculhambava a burocracia e esta tinha medo de expulsá-lo. Uma vez expulso, ele continuou a manifestar por nós (!) o desprezo que manifestava por aquela. É um absurdo. E nós, embora sejamos o avesso dos burocratas, estamos a imitá-los praticamente nessa questão, com medo do prestígio do Poivre. É outro absurdo. [...] Cumprir o dever a prestações, de vez em quando, para distender os músculos, como um esporte, isso é inadmissível para um militante revolucionário. (Carta de Aristides Lobo a Lívio Xavier, São Paulo, 10/2/32, grifos nossos).

Outro problema referiu-se aos chamados "surrealistas revolucionários" (Breton, Aragon, Naville, Péret, Martinet) que compunham "poemas proletários". Acusados de burgueses, os surrealistas lançaram o *2e. Manifeste du Surrealisme*, atacando Naville, que se afastara do surrealismo para se dedicar inteiramente à política. E Breton, "fabuloso ogum", ficara com a vaidade um tanto ferida. A parte final do Manifesto era — entendia Pedrosa — uma concessão, uma espécie de "NEP surrealista". A posição política de Breton em relação ao partido e à oposição não era firme, mas hesitante e cômoda demais, pois insinuava que não se devia concorrer para agravar as divergências — que no fundo não eram tão graves assim — porquanto se viu Rakovski fazer uma declaração conciliatória, pronto à reconciliação, e Trotski solidarizar-se com isso. (Carta enviada por Mário Pedrosa a Lívio Xavier, São Paulo, 3/2/1930).

Os surrealistas franceses acabaram por ser expulsos das fileiras da Oposição de Esquerda, determinação que afetou, no Brasil, a Benjamin Pèret, fundador da LC e secretário da região do Rio de Janeiro.

Nos anos de 1932-33, a liga perdeu algumas de suas principais lideranças, por expulsão de alguns ou por retirada de outros, como Otaviano Galvão e Plínio Gomes de Mello. (CAMPOS, 1998, p. 294-295).

As expulsões foram ocasionadas por diversas razões, entre as quais vale destacar divergências sérias entre dois grupos, iniciadas quando o grupo estrangeiro, liderado por "Corvinus", pretendeu se retirar da CE por desconhecer a língua, não podendo, assim, discursar, escrever, etc., como os demais. Lobo, em nome da liga, rejeitou o pedido, dizendo que os camaradas eleitos deveriam permanecer em seus postos, sob pena de cometerem indisciplina. Essa discussão prolongou-se por todo o ano de 1933.

Refletindo as divergências dos opositores de esquerda, a IV Conferência Nacional da Liga Comunista Internacionalista, realizada no dia 31/3/1935, operou um expurgo nas fileiras da organização, baseada em crises sucessivas ocorridas no ano anterior. Por "indisciplina, inatividade, sabotagem, traição, abandono dos princípios bolcheviques-leninistas e adesão ao reformismo", foram expulsos Pedrosa, Mary Houston, Abramo, Escobar Azambuja, Hícar

Leite, Fontes, Ulisses, Guino, Riera, Antônio. Em abril de 1935, Aristides Lobo foi expulso das fileiras da liga, acusado de capitulacionista, por se ter oposto à manifestação anti-integralista da Praça da Sé. Note-se que um núcleo de opositoristas de esquerda, do qual participavam Lobo, Pinheiro, Matheus e outros, opunha-se à exposição da liga em ações julgadas por eles de "provocação policial" ou destinadas a "martírios românticos". Foram eles que fundaram a Frente Antifascista e, como tais, participavam ativamente do combate ao integralismo, como comprovam numerosos relatórios policiais (CAMPOS, 1998, p. 298).

Embora Alexander concorde com a versão acima (ALEXANDER, 1991, p. 132), os documentos apontam para problemas muito mais profundos para esse episódio. Em outubro de 1934, a Conferência de Paris da Liga Comunista Internacionalista optou pela tática do "ingressismo", pela qual os militantes deveriam ingressar em partidos socialistas, o que passou a ser conhecido como o "*tournant* francês". Inconformado com essa diretriz, um grupo capitaneado por Aristides Lobo ("Fernando") e Víctor de Azevedo Pinheiro ("Alves") rompeu com a disciplina internacional da organização e denunciou o ingresso como uma adesão à Segunda Internacional e uma degenerescência social-democrática (LUTA DE CLASSE, ago. 1935).

A ala que apoiou o ingressismo, liderada por Pedrosa, Fúlvio Abramo e Hílcar Leite, considerava, pelo contrário, que a seção francesa da Oposição de Esquerda Internacional, após a sua entrada no Partido Socialista, constituía um centro de convergência dos elementos da vanguarda contra o stalinismo, o reformismo e o centrismo.

Os problemas decorrentes dos entendimentos antagônicos dessas duas alas foram responsáveis pelas cisões ocorridas entre 1934 e 1935, que não podem, portanto, ser reduzidas a um mero choque de personalidades, como querem alguns historiadores.

Assim divididos, os camaradas não resistiram à repressão policial que se seguiu à chamada Intentona de 1935 e foram aprisionados nos últimos meses daquele ano e nos primeiros do ano seguinte, tendo sido condenados a penas que variaram de dois a seis meses de reclusão. Com o fim da ditadura de Vargas e o retorno de Pedrosa ao país, os remanescentes da extinta LCI participaram do grupo "Vanguarda Socialista", responsável por um jornal que durou até 1948, no qual Pedrosa e Lobo, reconciliados em suas divergências, conduziram os últimos combates travados pelo grupo em prol da revolução proletária e contra a ditadura do Partido Comunista.

Recebido em: 24/05/2014

Aprovado em: 01/07/2014

NOTAS

¹ Neste artigo, os codinomes são substituídos, quando possível, pelos nomes dos militantes.

² Referência clara à Revolução de 1930.

³ A maioria dos sindicatos filiava-se à Federação Operária, de linha anarquista.

⁴ Embora não declare, tratava-se da casa de seu irmão e correligionário, José Mariano de Oliveira Lobo, na cidade de Botucatu.

⁵ Tratava-se da editora mantida pela LCI.

⁶ Talvez se tratasse do ativíssimo agente reservado "Guarany". Informes reservados de sua lavra deixam adivinhar a figura de um intelectual, ou melhor, de alguém que posava de intelectual.

⁷ A casa da "Condessa" pertencia a Benjamim Pêret.

FONTES

ATA de reunião da Liga Comunista. São Paulo, 22/1/1931, *FLBX. CEDEM/UNESP.*

ATA de reunião da Liga Comunista. São Paulo, 25/1/1931, *FLBX. CEDEM/UNESP.*

ATA de reunião da Liga Comunista. São Paulo, 5/2/1931, *FLBX. CEDEM/UNESP.*

ATA de reunião da Liga Comunista. São Paulo, 8/2/1931, *FLBX. CEDEM/UNESP.*

ATA de reunião da Liga Comunista. São Paulo, 15/2/1931, *FLBX. CEDEM/UNESP.*

ATA de reunião da Liga Comunista. São Paulo, 22/2/1931, *FLBX. CEDEM/UNESP.*

ATA de reunião da Liga Comunista. São Paulo, 1/3/1931, *FLBX. CEDEM/UNESP.*

BOLETIM "Aos operários grevistas e aos trabalhadores em geral". Comissão Executiva da Liga Comunista (Oposição). São Paulo, 20/7/1931. Prontuário n.º 4.143, v. 2. *DEOPS/SP.*

PRONTUÁRIO de Caio Prado, n.º 1.691, f. 63. *DEOPS/SP.*

PRONTUÁRIO de Aristides Lobo, n.º 37, v. 1-2. *DEOPS/SP.*

CARTA a Lívio ou Mário". Ms., escrita a lápis, em folha de papel de embrulho. *FLBX. CEDEM/UNESP.*

CARTA de Goffredo Rosini, *FLBX. CEDEM/UNESP.* Ms.

CARTA de Victor Pinheiro a Lívio Xavier. Bariri, 8/6/1931. Ms. *FLBX. CEDEM/UNESP.* Ms.

Carta a Lívio Xavier. Bariri, 27/6/31. *FLBX. CEDEM/UNESP.* Ms.

Carta de Aristides Lobo a Lívio Xavier. Bariri, 10/2/32, fls. 4-5. *FLBX. CEDEM/UNESP.* Ms.

CIRCULAR da CE, de Aristides Lobo, com data provável de junho ou julho de 1932. *FLBX. CEDEM/UNESP.*

JORNAL *A Luta de Classe*, ano I, V, n.º 14. Rio de Janeiro, 29/7/33, p. 2.

LOBO, Aristides da Silveira. Carta a Lívio Xavier. Botucatu, 7/12/31. Ms.

_____. Carta a Lívio Xavier. Botucatu, 2/12/31. *FLBX. CEDEM/UNESP.* Ms.

_____. Carta a Lívio Xavier. Botucatu, 12/12/31. Ms.

_____. Carta a Lívio Xavier. Botucatu, 14/12/31. Ms.

_____. Carta a Lívio Xavier. Bariri, 15/1/32. *FLBX. CEDEM/UNESP.* Ms.

-
- _____. Carta de Lobo a Lívio Xavier. Bariri, 17/1/32. *FLBX. CEDEM/UNESP*. Ms.
- _____. Carta a Lívio Xavier. Bariri, 10/2/32, fls. 6-7. *FLBX. CEDEM/UNESP*. Ms.
- _____. Carta. Botucatu, 23/11/1931. Ms.
- _____. Carta. Botucatu, 23/11/1931. Ms.
- _____. Carta. Botucatu, 2/12/1931. Ms.
- _____. Carta. Bariri, 10/2/1932. Ms.
- "ITAGIBA". Carta a Lívio Xavier. Batatais, 19/5/32. *FLBX. CEDEM/UNESP*. Ms.
- ROSINI. Carta, 1931. Ms.
- PINHEIRO, Víctor Azevedo. Carta. Bariri, 8/6/1931. Ms.
- _____. Carta a Lívio Xavier. Bariri, 27/6/31. *FLBX. CEDEM/UNESP*. Ms.
- _____. Carta a Lívio Xavier. Bariri, 11/12/1931. Ms.
- PEDROSA, Mário. Carta Lívio Xavier. Rio de Janeiro, 17/1/1932. Ms.
- _____. Carta a Lívio Xavier. Rio de Janeiro, 3/2/1930. *FLBX. CEDEM/UNESP*. Ms.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *Tempos de viver: dissidentes comunistas em São Paulo (1931-1936)*. 1998. Tese de Doutorado em História Social - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1998.
- DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução*. O submundo das letras no Antigo Regime. Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- KAREPOVIS, Dainis. *Nos subterrâneos da luta (um estudo sobre a cisão no PCB em 1937-1938)*. 1996. Dissertação de Mestrado em História Social - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- MARQUES NETO, José Castilho. *Solidão revolucionária*. Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.